

## O MUNDO EM TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX E A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE FARIAS BRITO.

### *THE WORLD IN TRANSITION FROM THE 19TH TO THE 20TH CENTURY AND THE INTELLECTUAL FORMATION OF FARIAS BRITO.*

Nivaldo Ottoni de Almeida

**RESUMO:** O texto procura caracterizar as idéias que tiveram influência decisiva na formação intelectual de Farias Brito. Essas idéias são responsáveis pela forma como enfoca o mundo no qual vivia, as transformações que nele ocorriam e as conseqüências daí advindas, segundo suas opiniões.

Passam ao longo do texto as contribuições de diversos filósofos, suas idéias e as grandes linhas de pensamento que norteiam seu posicionamento no que tange aos acontecimentos que presenciava, e procurava analisar com sua visão de crítico contundente e inflexível.

Democracia, socialismo, materialismo, religião, moral são assuntos sobre os quais se debruça, discorrendo com competência e expondo seus pontos de vista sobre todos eles. A sociedade e cultura ocidentais, bem como o Brasil estão presentes em suas análises, e emerge daí uma reflexão voltada para realçar poderio do espírito na apreciação objetiva da realidade.

**ABSTRACT:** *This article attempts to characterize the ideas which had a decisive influence on the intellectual formation of Farias Brito. These ideas are responsible for the way he interpreted the world in which he lived and include the transformations during his life time as well as their consequences, according to his opinions.*

*Throughout the text we find the contributions of various philosophers, their ideas and the important lines of thoughts which provide the decisive support for his thoughts on the facts he witnessed and tried to analyze with his strong critical vision.*

*Democracy, socialism, materialism, religion and morality are the matters he analyzed and discussed with competence. Society, the western cultures, as well as Brazil are present in his analysis from which emerges a deep judgment directed to glorify the power of the spirit in the objective appreciation of reality.*

**Palavras-chave:** Filosofia. Religião. Moral. Democracia. Materialismo. Conhecimento da verdade.

**Keywords:** *Philosophy. Religion. Morality. Democracy. Materialism. Knowledge of Truth.*

Farias Brito é um homem de um mundo em profundas transformações. Nascido em 1862 e falecido em 1917, em sua existência grandes eventos, tanto no plano interno quanto externo marcam uma nova fase da humanidade, na qual a ciência, a indústria, a urbanização, a expansão econômica e as mudanças políticas de grande envergadura abriram as portas para uma nova realidade. A dessacralização, uma nova moral, um novo direito assumem a dianteira dos acontecimentos e apontam para a Guerra Franco-Prussiana e as conseqüentes unificações da Alemanha e da Itália, um período de relativa paz no continente europeu que perdura até 1914 quando se inicia a Primeira Guerra Mundial. Suas imensas conseqüências, ao lado da tremenda expansão da sociedade capitalista e tudo o que isso vai significar em termos de exploração do homem, decadência dos valores, crise moral e uma velocidade espantosa nas transformações, impulsionadas, sobretudo, pela tecnologia em permanente evolução. No plano interno, o Brasil se defronta com a Guerra do Paraguai e seus desdobramentos: a crise religiosa, a questão militar, o abolicionismo, a proclamação da República, a República Velha e a continuidade do poder nas mãos de uma oligarquia que reduz o país a um espaço político-econômico manipulado pelos grandes proprietários, que colocam seus interesses acima dos interesses da nação e da sociedade. E o que ocorria na Europa e nos Estados Unidos, com certo atraso, acabava repercutindo e influenciando nossa sociedade.

Farias Brito viveu todas essas transformações e foi, sem dúvida, profundamente afetado por elas, e isso fica patente em suas obras e trabalhos intelectuais. Seu pensamento reflete com bastante nitidez essa situação, da qual não foi simples espectador, mas vibrante e atuante participante, com uma visão penetrante e crítica do que acontecia, assenhoreando-se por intermédio da leitura e dos estudos e reflexões dessa nova sociedade. Investe com grande vigor contra o que denominava o "ateísmo moderno" por ver nele um dos mais nefastos desdobramentos dos novos tempos que se descortinavam no horizonte. "E, de fato, qual é o espetáculo que nos ofere-

cem presentemente as lutas dos povos? Observai e vereis que é o mais desesperador e terrível, sendo que jamais passou a consciência humana por tão violentas agitações. Em primeiro lugar, debaixo de certa aparência de desenvolvimento e cultura, em realidade domina por toda a parte a injustiça. Assim reconhece Garofalo na *Supers-tição socialista*; assim proclama Gumplovicz em seu *Grundriss der Sociologie*. O primeiro condenando à tendência revolucionária dos socialistas que só reconhecem como meio de salvação a destruição da ordem estabelecida, aconselha a todos a prudência, apelando para a moral religiosa. O segundo, desesperando de toda e qualquer regeneração, pois tudo o que sucede resulta da natureza das mesmas coisas, e, como tal, não podia ser de outra forma, só encontra possibilidade de consolo, para nossas desgraças e sofrimento irremediáveis, na resignação. Depois ninguém tem fé na estabilidade da ordem moral, e os que apelam para a autoridade dos princípios, são tidos na conta de sonhadores; ninguém tem confiança na sinceridade dos homens e cada um já não quer, ou não pode contar senão consigo mesmo na luta contra o destino ou contra a fatalidade. Daí, a prostração dos espíritos mais puros, o desalento das almas mais delicadas, ao mesmo tempo em que o egoísmo chega a tomar proporções assombrosas, elevando o interesse à categoria de princípio soberano da moral (1957: p. 16).

Nenhuma de suas opiniões é gratuita, vaga, inconseqüente, mas só vai emití-las apoiado em inúmeros autores e obras, que lhe fornecem os subsídios indispensáveis para poder elaborar suas reflexões.

Na passagem acima mencionada fica patente a visão que Farias Brito possuía das transformações que ocorriam no mundo em que vivia. Mundo esse convulsionado por enormes contradições: uma produção enorme de riquezas, ao lado da pobreza material espalhada por grandes espaços e envolvendo um número crescente de indivíduos, esmagados pelo peso da miséria, da ignorância, da exploração. Se essa situação atingia os indivíduos, igualmente afetava a própria sociedade, que se via envolvida por uma cortina



de fumaça que dissimulava a realidade e impossibilitava uma visão verdadeira da situação. Tanto na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, a sociedade defrontava-se com um novo desafio, que se originava de uma crise de enorme proporção, com o solapamento de valores e princípios que até então vinham orientando homens e governos. Princípios econômicos e políticos, valores morais e religiosos são postos abaixo, sem nada ser colocado no lugar. Esse vazio angustiava o filósofo cearense, levando-o a um desalento com o que via e sentia: o homem encontrava-se inseguro, perplexo, desorientado.

. Mas, visto sob outro prisma, até que ponto as grandes mudanças que operavam na sociedade ocidental ao final do século XIX e início do século XX exerceram decisiva influência na formação intelectual de Farias Brito? É preciso ver como ele analisava essas mesmas transformações, e captar a impressão que lhe causavam. Acreditava que toda a maneira pela qual o homem vinha considerando o mundo e seus acontecimentos encontrava-se numa encruzilhada, que não permitia antever claramente o rumo dos acontecimentos, pois solapava as formas tradicionais com que contava a sociedade para interpretar homens e coisas agindo em termos de seus interesses, necessidades, realizações físicas e do espírito. Agora, uma nova era se abria, estribada na ciência, na experimentação, na vinculação cada vez mais estreita do homem a uma base material de existência, que estava trazendo para a vida coletiva questões totalmente novas, invalidando as bases até então existentes para a compreensão do mundo e as coisas produzidas pela ação humana. Essa situação implicava em ser preciso rever valores, princípios, instituições, que estavam submetidos a críticas contundentes de pensadores e de escolas de pensamento.

Nesse quadro, como encarar a filosofia, matriz do pensamento ocidental desde a Grécia clássica até os conturbados dias em que vivia? Uma antevisão da questão pode ser inferida por um trecho bastante significativo de sua obra *A base física do espírito*, onde coloca o seguinte, após fazer ácidas observações sobre o que estava acon-

tecendo com filósofos e filosofia: “E já a idéia que se tornou expressa, de modo mais claro e mais significativo na filosofia de Nietzsche, pela fórmula um tanto revolucionária: - A filosofia não é, como ordinariamente se supõe, um conjunto de verdades abstratas de extensão universal, mas apenas o reflexo vivo de um temperamento excepcional – *a confissão sincera e apaixonada de uma alma da elite*. – Ora Schopenhauer, Nietzsche, Guiau e outros que aqui poderiam ser igualmente lembrados como representantes da mesma corrente de idéias, são filósofos no verdadeiro sentido da palavra. Todos se mostram dominados pela preocupação moral e entram na discussão e elucidação de problemas cuja solução abrange a totalidade das coisas, e tais são os caracteres próprios e essenciais da filosofia” (1953: p. 18-19). Essa visão holística com que encarava o homem e a sociedade é uma constante em seu pensamento.

As inúmeras influências sofridas por Farias Brito têm muito a ver com as considerações que devem ser feitas em razão das crises por que passa a filosofia, e quando ele se refere a essas crises refere-se também aos inúmeros filósofos que contribuíram para que tivesse uma visão de mundo que se de um lado beirava o pessimismo como afirma: “Em vão se têm esforçado os sábios, nesta época de materialismo brutal e positividade intransigente, por dar à moral o caráter de ciência positiva. E há já, com o intuito de fundar uma moral científica, uma vasta literatura: tudo em pura perda, compreende-se, porque a moral não é uma ciência, mas um governo. É a consciência mesma interpretando a realidade e editando leis à nossa conduta. Isso não se compreende sem uma concepção do todo, isto é, sem uma metafísica, o que desconhecem os positivistas, que são também partidários da moral científica. De semelhante anomalia não poderia deixar de resultar uma monstruosidade. E foi realmente o que sucedeu: pois uma doutrina se constituiu que nega a moral e propõe como regra de ação exatamente esta negação, isto é, o amoralismo” (1953: p. 64). Esse “amoralismo” que representava a negação de tudo o que até então consistia na essência mesma da vida coletiva estava sendo posta abai-



xo, pelo surgimento espantoso de um novo ídolo, material, concreto, visível, ansiado por todos, representando o objetivo final do homem.

Nessas palavras, fica patente como Farias Brito encarava o que acontecia naquele mundo conturbado pela eclosão de novas doutrinas, novas formas de analisar a realidade, quando o homem desencadeara forças poderosas que estavam criando, como nunca acontecera no passado um volume tão grande de riquezas, ao mesmo tempo em que aumentava de forma assustadora, a desigualdade, a pobreza e os homens mergulhavam numa crise sem precedentes, sobretudo uma crise de valores. As virtudes do passado foram postas de lado, e em grande parte isso era o resultado, segundo sua visão, de uma substituição da filosofia pela ciência, não apenas como uma forma de interpretar o mundo, mas, sobretudo, como uma forma de construir esse mesmo mundo. Diz Farias Brito que: “Da ciência resultam regras técnicas; da filosofia resultam regras éticas... Pode assim dizer-se que a ciência é o princípio gerador da riqueza e a base da ordem econômica: o que significa, em linguagem mais precisa, que o fim próprio da ciência é estabelecer o domínio do homem sobre a natureza. A filosofia, ao contrário, elevando-se ao conhecimento do todo, fornece ao homem a compreensão do próprio destino: torna-o assim consciente de si mesmo e do mundo; apto, portanto, para deduzir a lei que lhe deve servir de norma de conduta. Por onde se vê que o fim próprio da filosofia é estabelecer o domínio do homem sobre si mesmo” (1953: p. 65). Para ele, de que adianta esse tremendo progresso material, se em contrapartida vai ocorrendo, em crescente velocidade, a perda e o solapamento dos valores morais, em prejuízo do espírito e da razão.

A grande questão que se colocava para Farias Brito, na virada do século XIX para o século XX, era a enorme contradição entre as forças espirituais e materiais, vale dizer, de que maneira deveriam conduzir-se os homens na gestão da vida? Pautar-se pelos valores, sobretudo morais, ou deixar-se conduzir pelas forças materiais que desencadeadas pelo capitalismo estavam criando uma sociedade onde os indivíduos eram cada vez

mais impulsionados pelo afã do possuir e consumir, e isso a qualquer preço, deixando de lado certos princípios normativos da conduta humana que até então orientavam a existência de todos. Havia uma crise no ar nesse período, e essa crise era antevista por Farias Brito da forma mais negativa possível, quando estavam em posições opostas os valores tradicionais abraçados pela filosofia e o tremendo impacto das coisas e vantagens materiais desencadeadas pela urbanização, pela industrialização e pela própria sociedade capitalista. “E em verdade os que combatem a filosofia não sabem o que fazem: são como cegos que, por isso mesmo, que não vêem ou não podem ver, negam a luz, como se o tato e a resistência exterior, que dão a idéia da matéria e da força, não deixassem perceber que há, além da matéria, a forma, supondo essa um espírito capaz de perceber, uma vez que se torne possível a visão pela luz. Falta aos inimigos da filosofia certo tato particular, certo espírito sutil, que vê longe e apanha com prontidão o que se acha no fundo. São os homens da positividade, o que equivale dizer: os homens da materialidade brutal, e não compreendem que essa materialidade brutal é coisa que passa e desaparece, sombra que se desfaz, à proporção que se afasta no horizonte. Mas essa própria sombra leva a supor que não é aí que se acha o verdadeiro alimento do espírito, devendo existir para este um elemento fixo e permanente, uma região serena e imutável, onde toda a perturbação desaparece, e onde a própria desordem se faz compreender como condição necessária para a harmonia e a ordem” (1953: p. 66-67).

Nessa passagem fica evidente o que perseguia como objetivo de vida, e refletindo de forma transparente as influências intelectuais que deram o embasamento à trajetória de Farias Brito. Era contrário a todas aquelas transformações que experimentava sua época, desde que essas transformações fossem responsáveis por cegar o homem em relação à realidade, impedindo-lhe de perceber a natureza do que estava acontecendo, e dentre os aspectos mais emblemáticos da situação constatava uma nova postura de homens e sociedades, aqueles pondo de lado compor-



tamentos pautados por valores tradicionais, que asseguravam a tranqüilidade, a prosperidade e a decência dentro de um quadro de referência que se revelava satisfatório, apesar das desigualdades, injustiças e misérias que podiam ser percebidas, efetivamente. Tinha certeza de que não vivia numa sociedade perfeita, mas igualmente intuía que nela os homens podiam contar com a sabedoria e os valores tradicionais com o propósito de superarem seus problemas, pois esses garantiam uma estabilidade e continuidade da vida coletiva, até então. Mas agora, nessa sociedade que estava sendo criada a partir do poder avassalador do mundo material, tudo se tornava mais confuso, mais instável, mais problemático. Qual era, agora, o rumo a seguir? Quais eram agora as forças norteadoras da conduta humana? Para ele a nova sociedade desencadeara forças de enorme poder e alcance, que estavam pondo por terra tudo o que até então havia sido construído, e não havia – pelo menos para ele – a possibilidade de se vislumbrar certezas nessa nova realidade. Tudo era novo, tudo era ilusório, tudo era passageiro. No meio dessa indecisão e indefinição no que se agarraria o homem para tentar sobreviver?

Sua resposta pode ser talvez encontrada quando afirma que: “É por esse ideal [fruto da reflexão e da busca pela compreensão da vida e seu sentido] que se farão realizáveis duas aspirações que a muitos hão de parecer verdadeiramente fantásticas, mas que são e devem ser o mais legítimo sonho do homem: a verdade no pensamento, em correspondência com a luz na natureza, e a harmonia no coração, em correspondência com o que poderia chamar-se a música das esferas – isto é, a bondade e o sentimento do dever, em correspondência com a harmonia e a ordem a que tudo está subordinado no Universo” (1953: p. 67).

Aí está! Farias Brito é o homem influenciado em sua visão do mundo pela ordem, pela harmonia, pela moral, pelo dever e pela bondade. Seus escritos voltam-se para essa direção. Suas críticas procuram pôr em destaque o rumo dos acontecimentos nessa sociedade onde vivia, e na qual tudo o que era oposto a sua visão de mundo estava acontecendo. Não conseguia entender como

isso era possível, a não ser a partir da perda de rumo, da completa submissão de homens e sociedades aos valores materiais que arrastavam a ambos para uma situação cada vez mais difícil, cada vez mais problemática, cada vez mais se distanciando do passado que oferecia luz e segurança, ao contrário do que via agora: escuridão e insegurança, incerteza.

Seus pontos de vista sobre o que estava acontecendo levam-no a verificar o que ocorria com o desenvolvimento das ciências. Não deixa de levar em conta os avanços que se faziam, sobretudo em termos de um melhor conhecimento e compreensão do mundo físico e dos fenômenos que nele tinham lugar. Estava plenamente consciente de que havia contribuições indiscutíveis nessa direção, que colocavam à disposição do homem recursos até então inexistentes que ampliavam – ou deviam ampliar – seu nível de bem-estar físico, material. As cidades tornavam-se centros de abundância, de poder, de riqueza, com um número crescente de produtos destinados a eliminar ou reduzir o esforço humano em direção ao bem-estar, uma vez que máquinas, equipamentos e ferramentas faziam agora uma quantidade enorme de serviços, libertando o indivíduo do esforço físico, do cansaço, do uso de suas forças para realizar os trabalhos mais exaustivos e menos humanizadores. Se o homem se beneficiava sob esse aspecto, o que ocorria no plano intelectual e espiritual? Via a sociedade como representando uma enorme e indiscutível contradição, pois o avanço material se fazia em detrimento do aprimoramento moral e intelectual. Agora, nessa sociedade de abundância o homem ampliava sua solidão, seu isolamento, seu estranhamento em relação a tudo que acontecia. Via a incerteza e a insegurança ampliarem-se, envolvendo a todos. Via a miséria, paradoxalmente, colocando um verdadeiro abismo entre ricos e pobres. Via que a riqueza estava produzindo diferentes tipos de grupos humanos, onde podia ser notado de um lado o cinismo, a indiferença, a devassidão, a falta de sensibilidade para com o próximo, enquanto que de outro lado crescia a angústia, a desesperança, a carência física solapando a base espiritual



da existência. E nesse quadro, onde se situava a sociedade? Que tipo de sociedade abrigava homens e essas diferenças tão pronunciadas, tão imediatas, tão destruidoras? Homens haviam se debruçado sobre essas questões e dois tipos de análises dela resultaram, envolvendo de um lado os seguidores de Condillac e o sensualismo por esse defendido, ao qual se contrapunham os pensadores de cunho teológico, como De Bonald, Laménais, Joseph de Maistre aqueles de cunho espiritualista nominados por Farias Brito: Laromiguière, Royer Collard, Maine de Biran, Cousin, Jouffroy. São dois movimentos com orientações próprias, que analisam o homem e a sociedade, mas sem encontrar a solução para seus problemas, e não conseguem responder a uma questão fundamental: o que está por vir? Aquelas idéias, às vezes brilhantemente construídas, mas vazias de conteúdo, não representavam a resposta tão ansiosamente aguardada de como enfrentar a nova realidade. Os esforços intelectuais feitos tinham resultados pífios, pouco expressivos.

Para Farias Brito só havia uma saída: “É preciso agir, é preciso incorporar o homem à sociedade. É na sociedade mesma que devemos lutar, é na sociedade mesma que devemos reagir contra os maus. Separado da sociedade, o homem é como um membro que se corta. A sociedade é o nosso meio próprio; a sociedade é o nosso destino fatal. Demais: a preocupação da virtude e da sabedoria não exclui o esforço pelo bem-estar e pela felicidade, nem é incompatível com as mais altas alegrias da vida. O sacrifício voluntário, ou o ascetismo propriamente dito, é, pois, inadmissível; a menos que o homem se sacrifique por imposição do dever, que se sacrifique, por exemplo, como parte, mas para salvar o todo, ou que se arrisque aos maiores perigos e afronte a própria morte, em obediência a uma paixão indomável e sagrada, como acontece nos casos em que se verifica o que poderia se chamar – o fanatismo da virtude ou a loucura do heroísmo” (1953: p. 91-92).

No outro texto que escolhemos para o desenvolvimento de nosso trabalho, texto esse denominado *Finalidade do mundo*, 2º volume, Fa-

rias Brito principia sua argumentação tratando da crise moderna. Após uma série de considerações sobre as mudanças que ocorreram no pensamento ocidental, que culminaram como o tipo de sociedade na qual estamos vivendo e os problemas e dificuldades com que nos defrontamos, afirma que se “deixando de parte o testemunho individual dos pensadores, tratamos de considerar o organismo mesmo da sociedade e o ensino direto da história, veremos que não menos patente se torna a confusão que em tudo se observa. Com efeito, qual é a condição a que se acham presentemente reduzidos os diferentes povos do mundo civilizado, o que é que nos revela a história sobre a situação atual dos governos? Vejamos. O regime social e político que nos foi legado pelo passado, após esse longo período da história a que se dá o nome de Idade Média, foi o absolutismo papal, sendo o papa o verdadeiro representante de Deus sobre a terra, e devendo, portanto, todos os governos temporais, no que se referem a seus interesses particulares, como igualmente dos que dizem respeito aos interesses gerais da civilização, inspirar-se nas deliberações do Vaticano. Mas o absolutismo papal caiu com a Reforma. A Igreja fracionou-se e, com o fracionamento da Igreja, sucedeu ao absolutismo papal a monarquia absoluta. Já não havia nenhum intermediário entre Deus e os reis, sendo que, negada a autoridade do papa, os reis mesmos é que são os representantes de Deus sobre a terra. Mas veio o livre pensamento e como repercussão do livre pensamento na história, a revolução. Essa explodiu primeiro na Holanda, depois na Inglaterra, por último na França; e daí transportou o movimento para todos os países da Europa, caindo afinal definitivamente a monarquia absoluta para dar lugar à democracia moderna, tendo por lema fundamental a célebre fórmula revolucionária – igualdade, liberdade e fraternidade” (1957: p. 16-17).

“Mas a democracia, por seu lado, fascinou por um momento os espíritos entusiastas, mas isso somente para dar, logo em seguida, de si mesma, a mais triste cópia. Em primeiro lugar, o lema fundamental que chegou a ser considerado como a mais gloriosa conquista da revolução



de todo se desmoralizou, tornando-se patente que nunca a desigualdade de condição entre os homens chegou a tomar tão vastas proporções como nas democracias. Que os homens não são iguais – demonstra-o o complicado sistema das hierarquias sociais. Que não são livres – demonstra-o a variada combinação de laços e sujeições a que está subordinado. Que não são irmãos – demonstra-o o espetáculo cotidiano da exploração do homem pelo homem. Depois, se a questão era fazer cessar em política toda e qualquer espécie de absolutismo, acontece que nem isto chegou a conseguir a revolução, por quanto, se a democracia foi o resultado legítimo da revolução, é uma verdade que ao absolutismo do papa e dos reis, sucedeu nas democracias o absolutismo dos capitalistas e banqueiros, mil vezes mais detestável” (1957: p. 17-18).

“Por isso, não sem razão, é que já por toda a parte se proclama a bancarrota das democracias. Desse modo, nem teocracia, nem monarquia, nem aristocracia, nem democracia. Ora, isso é confusão e desordem, isso é a mais desesperadora anarquia: e de fato anarquia é o que se vê por toda parte, em todas as manifestações da atividade mental, reinando na ordem política, como na ordem da evolução social, a mais profunda confusão, como a mais deplorável incerteza” (1957: p. 17-18).

Depois de analisar o pensamento de Comte e de Spencer e a relação de ambos com a sociedade moderna, Farias Brito volta-se para analisar o que escreveu Marx sobre a sociedade capitalista, objeto último de suas preocupações. “Este – o socialismo coletivista – é uma entre as inúmeras seitas do socialismo moderno; mas é do socialismo o sistema que conseguiu maiores proporções e chegou a adquirir mais ampla autoridade, apresentando-se precisamente em nome da ciência e sendo mesmo considerado pelos seus defensores como um complemento às teorias de Darwin e Spencer, isto é, como uma conseqüência do darwinismo e a vigorosa aplicação da teoria da evolução ao governo das sociedades. Tal é, pelo menos, a feição que ao socialismo de Marx procurou ultimamente dar, Enrico Ferri, em seu livro

– *Socialismo e ciência positiva*. É, entretanto, uma teoria diametralmente oposta à de Spencer, sendo exatamente a negação do individualismo pela absorção de toda a atividade social no Estado” (1957: p. 25-26).

Após uma ampla discussão do socialismo e das idéias de Marx, Farias Brito lança uma pergunta pontual sobre o resultado da aplicação do socialismo, pergunta essa formulada nos seguintes termos: “Destruir, destruir – eis o programa. Mas como reconstruir? É o que os socialistas não nos explicam. Entretanto, é certo que o regime atual é o produto de um desenvolvimento mental e moral que abrange todo o curso da história da humanidade. Como querer assim destruir uma obra que é o trabalho de muitos séculos de lutas e sofrimentos, sem ao menos serem apresentadas as bases da reconstrução?” (1957: p. 34). Esse é um dos pontos centrais do pensamento de Farias Brito sobre o que estava acontecendo, e tal situação comportava uma reflexão crítica aprofundada e extremamente centrada em diversas opiniões.

Alinhando uma série de afirmações oriundas de diversos movimentos e autores, Farias Brito nos apresenta seu ponto de vista sobre a questão, expondo-o, em linhas gerais, nos seguintes termos: “É uma verdade incontestável: no estado atual da civilização domina a mais feroz injustiça. O materialismo definitivamente estabeleceu o seu domínio, e, com o desaparecimento do sentimento moral, de todo foi eliminada da sociedade a verdadeira noção de piedade, chegando à própria religião a se transformar em mercantilismo grosseiro e insaciável. O homem vale somente na proporção do que possui e na família, o amor; no Estado, a justiça: na humanidade, a moral; e mais do que isto, a indagação da verdade, o sentimento da dignidade humana, e até nas diferentes religiões. O exercício do próprio culto, tudo é regulado exclusivamente pelo interesse” (1957: p. 42). E buscando responder à questão acima levantada, Farias Brito é taxativo sobre a questão quando afirma que:

“O ponto de vista dos socialistas é: a questão social deve ser resolvida politicamente em nome do interesse.



“O meu ponto de vista é: a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia.

“Uma grande idéia, um grande princípio moral – eis, pois, qual deve ser o ponto de partida para a reforma das sociedades, reforma, sobretudo nos caracteres, reforma, sobretudo moral. Onde é, porém, que deve ser procurado esse princípio? A resposta só pode ser esta: na filosofia. E efetivamente é só pela filosofia que poderão ser resolvidas as dificuldades da civilização contemporânea. Foi o que eu compreendi; e foi porque esta compreensão terminou por se transformar na convicção profunda e insuperável que tomei a resolução de escrever esta obra, concorrendo assim também com a minha pequena pedra para a construção do edifício do futuro” (1957: p. 49).

Tal é a posição de Farias Brito e aí ficam transparentes as influências intelectuais que foram responsáveis por sua formação e por seu posicionamento frente ao mundo e seus problemas e questões. Ao longo de sua obra, esse posicionamento só vai sendo reforçado e plenamente exposto. A filosofia é, portanto, entendida, como o caminho por intermédio do qual não só é possível obter-se um conhecimento preciso da realidade humana, como também o instrumento de aperfeiçoamento dessa mesma realidade, quando de suas crises e dificuldades, porque a filosofia não é apenas um conjunto de conhecimentos, produto do intelecto humano, mas um produto que preserva e desenvolve suas melhores qualidades, aprimora suas formas de relacionamentos sob as mais distintas e complexas condições e vai, por fim, garantir a essência mesma da existência humana ao dar-lhe sentido e finalidade. E onde esse sentido e finalidade encontram sua expressão mais significativa e aprimorada? Somente na vida coletiva, na sociedade, é que o homem encontra as condições para realizar-se plenamente, e isso em razão de aí, e somente aí, existirem condições para tal, quando as particularidades de cada um são preservadas, são levadas em consideração, mas encontram campo fértil e adequado para se realizarem.

“Qual é, portanto, a necessidade que há de fazer semelhante fusão dos diferentes espíritos em um espírito coletivo distinto e até certo ponto estranho ao organismo individual?

“E demais, qual é o laço que liga o espírito de um ao espírito de outro, de maneira a ficar constituído o chamado *espírito objetivo*?

“A verdade é, pois, esta: existem diferentes indivíduos que compõem o corpo social um acordo espontâneo para a constituição da coletividade. Esse acordo é o resultado da própria organização do indivíduo que é, em virtude de sua natureza mesma, impelido para a sociedade; e o resultado a que dá nascimento a sociedade são as idéias fundamentais que presidem ao desenvolvimento da vida humana. Tais são: o direito, a religião, a moral, etc. Fora disto não existe mais nada” (p. 79-80).

Em sua obra *Finalidade do mundo*, Farias Brito reserva um destaque especial a Espinoza, que sem sombra de dúvida exerceu forte influência sobre ele. E por que esse destaque todo especial ao filósofo proveniente de uma família de judeus portugueses que construiu uma obra de enorme valor, dada a originalidade de seu pensamento e a profundidade que deu ao tratamento de questões que vinham se arrastando desde a Grécia e que encontraram nele não apenas um crítico excepcional, como também o formulador de conceitos que procuraram colocar nos devidos termos pontos essenciais para a compreensão do homem e de tudo aquilo que o cerca e que dá sentido à sua existência. Esse apreço por Espinoza e sua obra ficam evidentes na seguinte passagem: “É que a humanidade precisava de três séculos mais para poder compreendê-lo. Hoje, porém, ninguém lhe contesta a posição eminente que ocupa na história do pensamento; e da *Ética*, sua obra fundamental, não será talvez exagerado afirmar que é a obra mais perfeita do espírito humano, senão pela verdade das doutrinas que desenvolve, ao menos pela precisão lógica, pelo rigor dedutivo, pelo tom de convicção íntima e profunda que o levava a se exprimir nestes termos: ‘Eu não faço a suposição de ter achado a melhor filosofia, mas sei que conheço a verdadeira. E



se me perguntas como posso estar certo disto, responderei: com mesma certeza com que sabes que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois retos” (1957: p. 169).

Relaciona uma série de filósofos que dão um tratamento exponencial a Espinoza, reconhecendo todas suas enormes qualidades e o valor indiscutível de suas obras e contribuições para a filosofia: Lablais, Vacherot, Ludwig Noiré, Saisset, Sclermacher, Hegel, Goethe, Lichtenberg, Lange Kuno Fischer. Em dez tópicos distintos Farias Brito procura analisar o pensamento de Espinoza em seus pontos centrais, ressaltando o que tem de significativo dentro da história do pensamento ocidental e de nossa cultura. A forma como trata Spinoza é sempre respeitosa, é sempre de admiração pelo que produziu e pela qualidade de sua produção.

“Spinoza é conhecido na história da filosofia como o mais poderoso adversário da teleologia. Efetivamente ninguém a combateu com mais vigor e energia; ninguém a refutou com mais fortes argumentos. E demais, foi ele o primeiro que abertamente se levantou contra a chamada concepção teleológica do mundo e contra ela formulou uma condenação decisiva e formal. E todos os atuais defensores da intuição mecânica do mundo, negando a possibilidade de toda e qualquer explicação dos fenômenos naturais, mesmo dos fenômenos racionais e humanos, por causas finais, consciente ou inconscientemente reproduzem a doutrina de Spinoza, se bem que os princípios do grande pensador, viciados em uns, deturpados em outros, exagerados na maioria, sejam mal compreendidos e falsamente interpretados por quase todos. Os que menos estão na altura de compreender a verdadeira significação do problema, são, em regra, os que se mostram mais exaltados, escandalizando-se com o fato só de se propor uma questão de finalidade na natureza. Entretanto, convencido da legitimidade dessa questão e certo da possibilidade de uma solução positiva para a mesma, foi em Spinoza que encontrei mais sólido apoio, e se há alguma filosofia a que meu pensamento se prenda, é exatamente a de Spinoza” (1957: p. 239).

A análise de Farias Brito sobre Spinoza e sua obra é toda ela entremeada por observações de reconhecimento pela enorme influência que sobre ele exerceu. As idéias básicas do pensamento do filósofo cearense repousam, substancialmente, no que hauriu naquela fonte e inspirou-se nele para desenvolver sua carreira e seu pensamento. Isso fica evidente no final do texto, quando coloca o seguinte: “Quanto ao mais, tudo se desenvolve por dedução necessária e é de si mesmo evidente, sendo que se se considera nossa peregrinação neste mundo como uma viagem eterna e se pergunta: para onde vamos? A resposta é: para o conhecimento; ou em outros termos: para a verdade, ou melhor, para Deus; ou ainda e em síntese: para a luz. *Ad lucem*” (1957: p. 242).

Farias Brito representa o esforço de entender seu tempo, sua sociedade e o que nela acontecia a partir da filosofia. Essa era para ele o instrumento fundamental para se chegar ao conhecimento, à verdade. Ela fornecia a matéria-prima para o espírito, entendido este como a razão mesma da existência humana, espírito que deveria ser permanentemente exercitado e alimentado com o propósito de se aproximar cada vez mais daquilo que se poderia considerar a finalidade mesma da existência humana, ou seja, a busca da perfeição, do saber, do conhecimento e da verdade, com o que seria possível chegar-se a uma paz interior, em íntima relação com o universo e no limite, com o próprio Deus. Por isso, voltava-se categoricamente contra as transformações que estavam ocorrendo no mundo em que vivia, quando se tornava evidente um afastamento do homem de suas fontes originais de saber e de comportar-se. Agora, uma nova realidade emergia do limbo das mudanças, trazendo consigo uma excessiva e inexplicável valorização do mundo material, que acenando com as possibilidades de criação de outro mundo baseado nas coisas concretas, imediatas, destituídas de sentido e conteúdo, mas voltadas apenas e tão-somente para a satisfação dos prazeres e gozos que agora se procura avidamente. Volta-se ele para encontrar naquele caos que se constituía sua sociedade e época, um rumo, uma luz, um equilíbrio e estabi-



lidade. Segundo sua opinião, essa luz só poderia ser encontrada na filosofia, expressa nas seguintes palavras: “Uma reforma, pois, se faz necessária... mas isto é o que só deve e só pode ser feito em nome de um grande princípio, de uma grande idéia moral capaz de regenerar o mundo” (1958: p. 485). Nesse sentido, Faria Brito via a filosofia como o instrumento indispensável por intermédio do qual seria possível regenerar a sociedade.

Vimos, portanto, que Farias Brito havia sido profundamente influenciado por seus estudos de Filosofia, e era nela que ia buscar a certeza de reencontrar o equilíbrio e a esperança de uma sociedade mais voltada para as coisas do espírito, norteadas por valores morais e não condicionada pelo universo material, que prometia um novo tipo de mundo no qual não havia espaço para as formas tradicionais de existência. Para ele, como já tivemos oportunidade de ressaltar, essa era uma promessa irrealizável. O filósofo cearense tinha, nas diversas etapas de sua própria vida, a prova mais cabal de que uma existência material privava o homem do sentido das coisas e acontecimentos. A peregrinação que enfrentou desde a infância, envolvida na pobreza e superando todo tipo de dificuldades, fortaleceu-lhe uma postura pragmática, mas nem por isso destituída de conteúdo moral. Imprimiu sempre aos seus atos a marca da dignidade, da cortesia e da crença em princípios básicos norteadores da conduta humana.

Como sinal dos novos tempos, resume toda sua insatisfação com o rumo que tomava a sociedade ao salientar que no Brasil “a filosofia foi suprimida como inútil do ensino oficial. E agora mesmo, na nova reforma que acaba de ser decretada e imediatamente posta em execução, a reação foi ainda mais radical, tendo sido suprimida a cadeira de Lógica, no Ginásio Pedro II, e a cadeira de Filosofia do Direito nas escolas de direito, o que prova que o positivismo ainda não perdeu de todo o seu império nas altas esferas governamentais em nossa Pátria” (p. 10), ao lado de ter sido preterido por Euclides da Cunha no concurso para a cadeira de lógica no Colégio D. Pedro II, embora tenha sido o vencedor do citado concurso, e somente assumiu o posto em razão

do assassinio de autor de *Os Sertões*. Uma série de outras situações aliada a uma vida modestíssima, revela as dificuldades pelas quais Farias Brito passou, numa sociedade que se transformava rapidamente privilegiando as conquistas da economia capitalista e a busca desenfreada pela riqueza e pelos privilégios e vantagens, restando-lhe refugiar-se na filosofia, onde procura encontrar a solução não apenas em nível pessoal, mas sobretudo para a sociedade que – segundo seu entendimento – debatia-se com um paradoxo de difícil superação, uma vez que abandonara Deus e voltava-se cada vez mais para as coisas materiais, banais, que nada contribuíam para a elevação espiritual dos indivíduos, mas pelo contrário enfraquecia-lhes o caráter e a moral. Na leitura e na reflexão das obras filosóficas encontrava Farias Brito a verdadeira razão de ser de sua existência, como bem atesta a seguinte afirmação de um grande conhecedor de sua obra F. E. de Tejada: “A sua obra filosófica é robusta e profunda, densa e nobre, com vislumbres de grandezas desconhecidas no orbe americano, documentada e contínua. O monumento mais alto da filosofia no Brasil (1958: p. 491).

Com as colocações acima, tivemos a intenção de patentear o fato de que Farias Brito é um homem em busca do sentido da vida, e esse sentido somente seria possível por intermédio da filosofia, que representa um farol capaz de iluminar o caminho do homem. A filosofia foi desde sempre, desde os luminares da Grécia antiga até seus contemporâneos, a fonte de inspiração para ele e para a humanidade: o que acontece com o homem é o resultado dos desvios e distanciamento da verdade, da luz, e porque não dizer, segundo ele, da filosofia. Fazer da ciência a solução de todos os problemas que atingem e afligem a humanidade era a palavra de ordem na virada do século XIX para o século XX, e segundo alguns entusiastas do progresso, o mundo estava entrando numa nova era de realizações extraordinárias onde tudo seria possível, oferecendo-se condições para que a ciência se impusesse aos homens, explicando desde suas origens até os mais complexos fenômenos decorrentes ou da natureza ou das rela-

ções que ocorriam na sociedade humana.

Esse é o enorme impacto com o qual se defrontava o filósofo cearense, que buscava na filosofia e nos seus filósofos eleitos como fonte de inspiração e saber o antídoto contra as “novidades” que tornavam a existência social cada vez mais complexa, eivada de crises e dificuldades, e a razão disso tudo residia, na visão de Farias Brito tão somente no afastamento do homem da filosofia, da reflexão e do verdadeiro saber. As luzes tornavam-se escassas e de difícil acesso, pois no embate entre espírito e matéria, o que estava realmente em jogo era o próprio destino do homem, e no limite, da própria humanidade, e quiçá, da sobrevivência de nossa espécie. Era uma situação angustiante com a qual se envolvia Farias Brito, e sua visão voltava-se para a seguinte saída, segundo ele, única e inquestionável: “... É preciso mostrar a nulidade de todos os artifícios de que se socorre o espírito de sistemas e voltar ao exame dos fatos, na sua significação real e positiva, sem preocupações sectárias, sem outro intuito a não ser o conhecimento da verdade. E debaixo deste ponto de vista, quem for imparcial e sincero, há de reconhecer que a realidade se manifesta sob este duplo aspecto: como energia pensante, isto é, como um princípio que vê e observa, que sente e conhece; e como energia motora, isto é, como força que se revolve em corpos e enche o espaço e o tempo. Ou mais precisamente e para falar na linguagem tradicional: como espírito e como matéria. Para conhecer a matéria, o método é a observação exterior ou a experiência; para conhecer o espírito o método é a observação interna ou a introspecção.

“Sair disto é recusar-se ao testemunho imediato, permanente, irresistível e certo da consciência, para se deixar dominar pelo espírito de sistema. Tal é a razão, a causa verdadeira do desastre e da impotência radical da psicologia científica; causa que não querem ver, mas que está sempre a agir, contrariando os mais nobres esforços pela ciência; anulando o poder dos mais poderosos espíritos, uma vez que o que pretendem é irrealizável: explicar o psíquico pelo físico, o espírito pela matéria, o consciente pelo inconsciente” (1957: p. 295-296).

Para Farias Brito aí estão as raízes de todos

os males e dificuldades. Ao se desviar do conhecimento preso aos valores e à moral, e privilegiar o mundo material dando espaço ao comportamento casuístico, oportunista e passageiro a sociedade encontra-se totalmente à deriva, desnordeada e sem perspectivas futuras. O norte e a segurança residem no conhecimento advindo da filosofia, fonte inquestionável do saber e da segurança.

## CONCLUSÃO

Podemos, pois, concluir, dizendo do enorme esforço despendido por Farias Brito para entender sua época e sua sociedade, bem como o que estava acontecendo ao seu redor. Pode-se criticá-lo por não reconhecer o enorme avanço feito pela Ciência Social para analisar o rumo que tomava a cultura e a sociedade ocidentais no início do século XX. Pode-se criticá-lo, talvez, por ter supervalorizado a Filosofia como única forma de conhecimento capaz de levar o homem e a sociedade em direção a um futuro mais equilibrado, mais justo, estribado em princípios e valores que se revelaram, segundo ele, de inestimável valor ao longo do tempo.

Pode-se, inclusive, criticá-lo por ter produzido uma obra que ia à contramão dos acontecimentos e tendências. Mas de modo algum podemos deixar de reconhecer a qualidade de suas opiniões, além de ressaltar a paixão com que se dedicou para elaborá-las e divulgá-las, apesar de todas as dificuldades que encontrou e enfrentou para isso.

O trabalho de reflexão que empreendeu e seus pontos de vista sobre a época e a sociedade que balizaram sua existência, refletem as inúmeras influências que marcaram sua trajetória como intelectual e como pensador, e essas influências – encontradas em vários autores de diversas épocas – revelam a ânsia de conhecimento e a necessidade que sentia de expender sua opinião sobre o homem e seu destino, aliçada nos ensinamentos dos autores que lhe abriram novas perspectivas de olhar o mundo e analisar o que nele acontecia e que procuramos, em linhas gerais, apresentar no desenvolvimento de nosso tema.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRITO, Farias. **A base física do espírito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1953.

PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luis. **História da filosofia**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

\_\_\_\_\_. **Finalidade do mundo: estudos de filosofia e teleologia naturalista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1957. v. 2